

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann

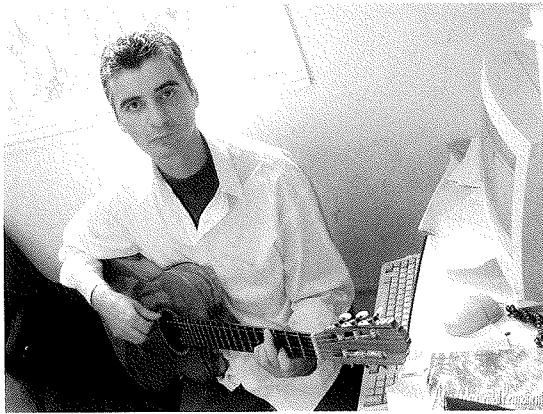

fascículo nº 30

**Grandes Contribuições
à Música
do Rio Grande do Sul**





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).**

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico
Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto
Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga
Fotografias das Capas: Nilton Santolin
**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais
e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**
Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075
www.editoraalcanço.com.br / e-mail: alcanço@editoraalcanço.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Eraci Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Silvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul

Nossa série "CEEE - Som do Sul" busca mapear a segunda metade do século XX na música do Rio Grande do Sul, através da vida e obra de grandes compositores. No entanto, para que compositores possam expressar sua arte, existe um grande número de pessoas que trabalham para tornar isto possível. Trata-se de um enorme contingente de técnicos, operadores, produtores, jornalistas, folcloristas, pesquisadores, estudiosos, intérpretes, divulgadores, radialistas, comunicadores, maestros, enfim, uma estrutura complexa que abrange áreas profissionais das mais diversas.

Na história da música gaúcha, muitos destes profissionais tiveram importância capital e, por vezes, extrapolaram o exercício de suas funções, atuando decisivamente sobre os caminhos da nossa música. Dedicamos este fascículo especial a estes personagens imprescindíveis. O espaço aqui disponível permite-nos citar apenas um número muito reduzido de personalidades que se enquadram neste perfil, mas é necessário citar, pelo menos por amostragem, alguns destes trabalhadores, para que o nosso leitor possa conceber a dimensão laboral do universo a que nos referimos em todo o projeto.

Quando optamos pelos compositores representantes da nossa música nesta série de fascículos, fomos movidos pelo objetivo de definir a gênese musical do estado. Seria injusto, porém, não trazer à tona elementos fundamentais deste universo que contribuíram sob vários aspectos para sua existência. O que seria de todos estes compositores se Ayrton dos Anjos não dedicasse sua vida a lançar grande parte deles? Se Hardy Vedana não tivesse recolhido e catalogado farta documentação sobre a música sul-riograndense do século XX? Se Júlio Fürst não tivesse tido a brilhante idéia de tocar no rádio autores que não tinham discos? Se Elis Regina não tivesse partido de Porto Alegre para tornar-se a maior intérprete brasileira, mostrando que era possível fazê-lo? Se Colmar Duarte tivesse guardado para si a sua indignação, deixando de criar a Califórnia da Canção? Bem, o "se" em história não existe. Ou pelo menos não deve ser considerado. Os fatos é que devem ser estudados. E sobre estes fatos este fascículo foi montado. O fato incontestável da ação vital e exemplar de cada uma destas pessoas sobre a história da música do Rio Grande do Sul.

Henrique Mann - Editor



Elis Regina

Nasceu em Porto Alegre, no bairro IAPI, a 17 de março de 1945. Aos doze anos, apresentou-se pela primeira vez em público, no programa radiofônico de auditório "Clube do Guri", dirigido por Ary Rêgo. Determinada e de personalidade forte, além, é claro, de extremamente afinada, em pouco tempo tornou-se a atração principal do programa.

Por três anos, trabalhou na Rádio Farroupilha, desfilando seu vasto repertório, que incluía canções em inglês, francês e espanhol. Teve a oportunidade de gravar um compacto pela CBS e foi esta a única referência concreta que levou consigo para o Rio de Janeiro, no dia 31 de março de 1964. Foram tempos difíceis. Morando numa quitinete do famoso "200 da Barata Ribeiro", Elis teve que encarar as boates do Beco das Garrafas, reduto carioca da fina-flor da MPB onde passou por muitos dissabores e também por uma escola valiosa.

Em 1965, venceu o I Festival de MPB da TV Excelsior, defendendo *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes. A interpretação, a figura cênica com os braços girando e a bela voz marcaram fortemente. Sua carreira toma grande impulso a partir daí.

Entre casamentos (com Ronaldo Bôscoli e Cesar Camargo Mariano) e filhos, até 1973, Elis arrebatou público e crítica, com shows, discos e programas de TV. Também seu temperamento agressivo foi alvo de críticas e gerador de fofocas. Vivía às turras com outros artistas, produtores, Ordem dos Músicos e com parte da crítica, que classificou um de seus discos (de 73) de "frio e sem emoção", porque a cantora era

"técnica demais". A tudo ela respondia corrosivamente falando e maravilhosamente cantando. Em 74, gravou com Tom Jobim um disco considerado entre os 10 melhores da história da MPB.

No sul, também não escapou da polêmica. Apesar de gravar temas do cancioneiro gaúcho como *Boi Barroso*, *Alto da Bronze*, *Porto dos Casais* e *Homens de Preto* (coleção Marcus Pereira) ou autores como Raul Ellwanger, Jerônimo Jardim, Ivaldo Roque, Jaime Lubianca e Geraldo Flach, esteve constantemente sob acusações de ter "esquecido que era gaúcha depois do sucesso". Em entrevista a uma TV do RS, declarou: "*Não saí daqui para o Rio dizendo que ia fundar um CTG!*" Em 78, fez a estréia nacional de seu show "Transversal do Tempo" em Porto Alegre.

Assim foi Elis, a Pimentinha. Lutadora, brigona, mas acima de tudo uma grande cantora. A maior do Brasil em todos os tempos. Descobriu, lançou e deu impulso à carreira de muitos compositores como Belchior, João Bosco, Renato Teixeira e Ivan Lins, entre outros.

Depois de anos de sucesso, com discos como *Falso Brilhante* ou *Essa Mulher*, atingiu a quase unanimidade no espetáculo "Trem Azul". A crítica rendeu-lhe todos os elogios possíveis, e a carreira de Elis, que era uma seqüência de êxitos, parecia ter chegado ao ápice da glória.

Faleceu a 19 de janeiro de 1982, vítima de overdose de cocaína.

Discografia :

Viva a Brotolândia (Continental/61); *Elis Regina com Astor* (CBS-63); *O Bem do Amor* (CBS/64); *Menino das Laranjas* (Philips/65); *Zambi* (Philips/65); *Samba Eu Canto Assim* (Philips/65); *Dois na Bossa* (LP - Elis Regina e Jair Rodrigues - Philips/65); *O Fino do Fino* (LP - Elis Regina e Zimbo Trio - Philips/65); *Arrastão* (Philips/65); *Dois na Bossa - vol. 2* (LP - Elis e Jair Rodrigues - Philips/65); *Autógrafos de Sucessos* (Philips/66); *Elis* (LP - Philips/66); *Canto de Ossanha* (Philips/66); *Saveiros* (Philips/66); *Samba Eu Canto Assim* (Philips/66); *Elis Regina* (Philips/66); *Dois na Bossa - vol. III* (LP - Elis e Jair Rodrigues Philips/67); *Travessia* (Philips/67); *Elis Especial* (LP-Philips/68); *Jemelê* (Philips/68); *Samba da Bênção* (Philips/68); *Lapinha* (Philips/68); *Elis em Paris* (Philips/68); *Elis Como e Por quê* (Philips/69); *Elis & Thielemans* (Suécia/69); *Elis in London* (Philips Inglesa/69); *Memórias de Marta Saré* (Philips/69); *Perdão não Tem* (Elis e Pelé - Philips/69); *Elis n° 1* (Philips/69); *Elis & Miêle* (LP - Philips/70); *Em Pleno Verão* (LP - Philips/70); *Madalena* (LP - Philips/70); *Ela* (LP - Philips/71); *Elis* (LP-Philips/72); *Águas de Março* (Philips/72); *Elis* (Philips/73); *Autógrafo de Sucessos n° 2* (LP - Philips/73); *Elis & Tom* (Philips/74); *Falso Brilhante* (Philips/76); *Elis* (Philips/77); *Transversal do Tempo* (Philips/78); *Elis Especial* (Philips/79); *Alô, Alô, Marciano* (WEA/79); *Essa Mulher* (LP-WEA/79); *Saudades do Brasil* (Álbum duplo e LP - WEA-80); *Elis* (LP - EMI-Odeon/81); *Encontros: Elis e seus amigos* (Philips/81); *Me Deixas Louca* (Som Livre/82); *Se Eu Quiser Falar com Deus* (EMI-Odeon/82); *Elis em Montreux* (LP - WEA/82); *Trem azul* (Álbum duplo - Som Livre/82).

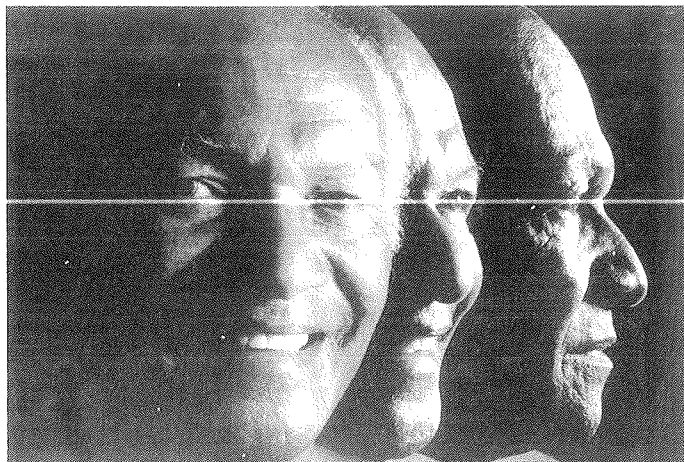
(obs: todos os discos não citados como LP são compactos simples ou duplos).





Rubens Santos

Em 1941, o carioca Rubens Santos estava de passagem por Porto Alegre, a caminho de Buenos Aires. Era cantor profissional, atuante no coro da gravadora Odeon e no grupo de Herivelton Martins, mas fazia seus shows individuais. Na ocasião, tentaria a sorte na Argentina, só que o dinheiro acabou e ele ficou "empenhado" na Capital gaúcha. Mas este problema acabou virando solução. Aqui se enturmou com Lupicínio Rodrigues, Johnson e cia. Foi sócio de Lupi em casas noturnas históricas na noite de POA e tornou-se um dos maiores cantores da boêmia gaúcha. Financeiramente, porém, a vida não lhe foi tão sorridente. Somente nos anos 90, a cidade que o acolheu reconheceu oficialmente seu talento e contribuição histórica para nossa música. Um projeto, elaborado pela Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, foi aprovado pela Câmara Municipal, concedendo-lhe amparo financeiro na forma de uma pequena pensão vitalícia. Recebeu também a Medalha Cidade de Porto Alegre. Igualmente por obra da SMC/POA, Rubens gravou seu primeiro disco e apresentou-se com imenso sucesso em Buenos Aires e Montevideo.



Faleceu no ano 2000, com mais de 90 anos de idade, admirado por músicos e público de várias gerações. No ano de sua morte, um projeto estava em andamento. Tratava-se de reuni-lo com a OSPA para interpretar a obra de seu amigo e parceiro Lupicínio, para espetáculo e disco. Já estava tudo quase pronto quando ele faleceu. O projeto seguiu, então, reunindo vários artistas em sua substituição. Na verdade, mais do que isso, em sua homenagem. O espetáculo aconteceu e foi gravado para TV e disco (que em breve estará disponível ao público). O que era para ser uma homenagem a Lupi, passou a ser também a Rubens. Será que há alguma diferença?

Lourdes Rodrigues - A Dama da Canção

Natural de Santa Maria, Lourdes vive em Porto Alegre, desde os três anos de idade. Aos quatorze, venceu o concurso A Mais Bela Voz Estudante, realizado pela Rádio Farroupilha, conquistando o direito de representar o estado na etapa nacional, promovida pelo programa de Ary Barroso, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro. A partir dali, empresariada pelo pai, começou sua carreira profissional no programa "Roteiro de



um Boêmio", apresentado por Lupicínio Rodrigues, na Rádio Farroupilha. Dividia com Elis Regina os cartazes da época, mas, durante muito tempo, foi a única voz feminina do programa de Lupi. Com a extinção dos musicais ao vivo na Farroupilha, Lourdes passou a estrelar o programa "A Rainha Canta", na TV Piratini. Viajava, então, com Lupi, para muitos shows no interior do estado. Tornou-se amiga inseparável do compositor e cantou em todas as casas noturnas que ele abriu.

Completa cinqüenta anos de carreira em agosto de 2002. Neste meio século, conquistou, sem dúvida alguma, a posição de principal cantora da noite do Rio Grande. Sua voz poderosa, no entanto, só gravou dois discos individuais. O primeiro, *Útopia*, em 1985, pelo selo local Artista. O segundo, *Dona Divergência*, por obra da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, projeto posteriormente encampado pela RBS Discos. É injustamente pouco para a cantora considerada por Lupicínio como a melhor intérprete de sua obra. Mesmo assim, Lourdes é uma pessoa realizada com sua profissão. Tem, até aqui, três filhos, oito netos e dois bisnetos. Continua encantando platéias com sua categoria inigualável, sendo, inclusive, aplaudida de pé em Buenos Aires, ao participar do lançamento do CD *Porto Alegre Canta Tangos*. A "Dama da Canção" desfruta, atualmente, do sossego de residir na cidade litorânea de Tramandaí. Diz-se aposentada, mas, eventualmente e para a felicidade geral, participa de grandes shows.

Os Grandes Conjuntos da Música Regional

A história da música gaúcha poderia ser também contada através da trajetória dos grandes conjuntos. Desde a formação do "Quarteto dos Tauras" (de Pedro Raymundo nos anos 40), e até antes, os conjuntos alimentaram nosso folclore com sua riqueza vocal e instrumental. No início, acústicos com o predomínio de violão, gaita e pandeiro, passaram pela introdução da bateria pelos "Bertussi" nos anos 50/60, chegando até as grandes estruturas de shows com equipamentos e caravanas próprias. Alguns tornaram-se verdadeiros movimentos culturais como "Os Angüeras" (ver Apparício Silva Rillo em "Os Poetas") e "Os Tapes"; outros especializaram-se em bailes e carreiras fonográficas bem estruturadas, como "Os Serranos". Assim como as biografias de compositores individuais, a história destes conjuntos poderia muito bem formar um mapeamento da cultura do estado. Vejamos alguns deles:



Conjunto Farroupilha



Conjunto Farroupilha: Tasso Rangel, Inah Castro, Danilo Vital de Castro, Estrela Dalva e Alfheu de Azevedo.

Formado no início dos anos 50, o "Conjunto Farroupilha" foi responsável pela divulgação nacional dos temas gauchescos de raiz. Pedro Raymundo, nos anos 40, havia levado ao sucesso algumas canções do gênero, mas seu trabalho privilegiava mais a performance, misturando interpretações, composições e humor. O "Conjunto Farroupilha" propunha uma ampla compilação de caráter quase documental, incluindo desde composições de Paulo Ruschel, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes até temáticas relativas às danças folclóricas do Rio Grande do Sul. Foram pioneiros na divulgação, em rádios do Rio e SP, de ritmos como *Limpa-Banco* ou *Maçanico*, cirandas como *Pezinho* e *Ratoeira*, ou ainda as toadas gaúchas e cantos-de-trabalho, como *Chirimindé*. Na contracapa do segundo LP do conjunto, lançado em 1957 pela Colúmbia, Barbosa Lessa diz que ele retrata "em cores autênticas e num corte vertical, a alma tradicional do Rio Grande. É um punhado de canções que, reunidas, constituem verdadeira síntese da terra e do homem do extremo-sul. Geografia e psicologia transformadas em ritmo. Planura e cavaleiro confundidos em som. A alma coletiva brotando dos violões, das cordeonas, das esporas cantadeiras". A descrição de Lessa é precisa e reconhecível para quem tem a sorte de ouvir uma destas raridades. O conjunto gravou aproximadamente vinte discos. Desses, quatro foram dedicados ao cancionário gaúcho: *Conjunto Farroupilha* (1952), *Gaúchos em Hi-Fi* (1957), *Temas Gaúchos* (1973) e *Conjunto Farroupilha* (1983). Mas o grupo era dotado de extrema qualidade técnica. Os vocais aprimorados serviram também para gravações dedicadas à música popular brasileira de várias cepas (incluindo sambas e bossa-nova) e música internacional.

Os Gaudérios e Zé Gomes

O conjunto "Os Gaudérios" teve poucos registros fonográficos (dois no Brasil e um na França), mas uma grande

importância na sedimentação da moderna música do Rio Grande do Sul. Formado no início dos anos 50 por Zé Gomes (violino e violão), Fernando Miranda (acordeom), Carlos Medina (violão) e Moraes Filho (vocal), o conjunto ensaiava na casa de Paixão Côrtes (seu principal mentor) e repercutia intensamente no "Grande Rodeio Coringa" da Rádio Farroupilha. Tinha como característica principal a qualificação técnica de seus integrantes na execução de temas gaúchos. Premiado na França como Melhor Grupo Folclórico do Festival Internacional de Folclore (promovido pela Universidade de Sorbone) deixou registrado naquele país o seu trabalho em disco pelo selo Decca. Os outros dois títulos foram o disco solo, *Os Gaudérios* (RCA/ Victor-1958), no qual imortalizaram *Homens de Preto*, de Paulo Ruschel, e um LP da mesma gravadora chamado *Vozes em Harmonia*, que dividiram com outros três grupos de renome nacional: "Trio de Ouro", "Trio Itapuã" e "Trio Nagô".

Destaca-se, entre os integrantes do conjunto, o músico Zé Gomes, cujo trabalho foi importante em vários setores da música gaúcha. Nascido em Ijuí, José Bonifácio Krueel Gomes ingressou no tradicionalismo aos 17 anos, no grupo "Tropeiros da Tradição", de Paixão Côrtes, posteriormente formando "Os Gaudérios". No início dos anos 60, criou o Curso de Violão Zé Gomes, que formou um grande contingente de bons instrumentistas, inclusive o célebre Ivaldo Roque (ver fascículo específico). Fundou, com os maestros Bruno Kiefer e Armando Albuquerque, o Seminário Livre de Música (Selim), que originou o Centro Livre de Cultura, onde trabalhou como vice-diretor e professor. Em 1969, por concurso público, passou a lecionar na Escola de Artes da UFRGS e atuou, com destaque, como arranjador dos grandes festivais das TVs Record e Tupi. Compôs para teatro, cinema, rádio e TV, sendo considerado um dos principais intérpretes de Villa-Lobos. Tem três discos solo gravados: *Palavras Querem Dizer* (1995), *A Idade dos Homens* (1998) e *Tempos Interiores* (2000), no qual executa violino, viola, violoncelo, viola de cocho, rabeca, violão e viola caipira (é, literalmente, o homem dos 7 instrumentos). Atualmente, em seu estúdio, trabalha na finalização de outros discos, prepara shows, enquanto viaja com Almir Sater por todo o Brasil. Já participou de mais de 200 discos de grandes nomes da música brasileira, tendo acompanhado Arthur Moreira Lima, Renato Teixeira, Chico Buarque, Heraldo do Monte, "Pena Branca & Xavantinho", Elomar Figueira de Mello e João do Vale entre outros.



Moraes Filho, Jarbas Cabral, Fernando Miranda e Zé Gomes.

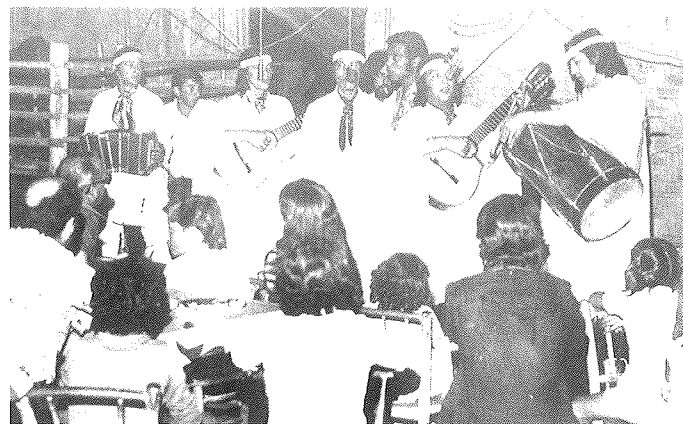
Zé Gomes é um dos maiores músicos da nossa história. Transita com naturalidade pelo erudito (Bach, Beethoven, Mozart), pela bossa-nova, pela música regional brasileira e, fundamentalmente, com grande importância histórica, pela música do RS, para a qual contribuiu imensamente sob todos os aspectos, desde o ensino, passando pela interpretação, arranjos, registro de história e composição.

Os Serranos



Um dos mais bem sucedidos conjuntos da história da nossa música regional, o nome "Os Serranos" é uma espécie de *griffe* gaúcha e acabou por tornar-se uma "sociedade". As composições dos integrantes do grupo ou de outros autores, por eles gravados, fazem sucesso no Rio Grande do Sul. Foi fundado em 1968, em Bom Jesus-RS, pela dupla de estudantes Frutuoso Araújo e Edson Dutra que se faziam acompanhar por baterista ou pandeirista em bailes e festividades. Compraram um amplificador de 30 wats de Honeyde Bertussi e, por não possuírem pedestal, amarravam o único microfone a uma cadeira. Durante sua trajetória, o conjunto teve várias formações, remanescendo da fundação Edson Dutra, e incluindo, em vários períodos, artistas com carreiras solo importantes como o cantor José Cláudio Machado ou o gaiteiro Volmir Dutra. O primeiro disco foi um compacto duplo, gravado às próprias expensas em 1969, para a Copacabana, em São Paulo. De lá até o ano 2000, vieram quase duas dezenas de discos entre LPs e Cds, sendo vários deles "discos de ouro". "Os Serranos" têm público cativo em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso, além de atuarem com frequência na Argentina, Uruguai e Paraguai. Possuem moderna tecnologia em equipamentos de som e luz e uma superestrutura de transporte e apoio. A formação atual (ano 2001) é a seguinte: Edson Dutra (gaita), Everton Dutra (baixo), Rodrigo Munari (baixo), Renato Cunha (bateria), Volmir Dutra (gaita), Everson Maré (guitarra), sendo que todos fazem voicais junto com Walter Moraes.

Os Tapes



2ª formação; Rafael Koller (bandoneon), José C. Machado (violão e voz) Claudio B. Garcia (vocal), Ordelino da Silva "Buti" (vocal) Waldir Garcia (violão e voz) e Luiz Alberto Koller (bumbo legüero e voz).

Um dos grandes grupos da música nativista, "Os Tapes", teve sua *célula mater* na dupla "Voz do Pampa", formada por Waldir Garcia e José Cláudio Machado, em 1971. Dedicados a trabalhos de pesquisa musical e com vários novos participantes, surpreenderam o júri da I Califórnia da Canção com um trabalho de 28 minutos de duração em palco. Ganharam prêmio especial de pesquisa e geraram o estabelecimento de duração das apresentações no festival. As alterações da formação de "Os Tapes" foram proporcionais à diversidade e riqueza de sua pesquisa da temática sul-rio-grandense durante os onze anos de sua existência. Nos seus cinco primeiros anos, enfrentando todo o tipo de dificuldade, surpreenderam platéias não apenas do Rio Grande do Sul, mas também de Santa Catarina, Paraná, Goiânia, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Argentina. Ainda consideravam-se amadores quando receberam o convite da Gravadora Marcus Pereira para formarem o grupo base da gravação dos quatro volumes da histórica série *Música Popular do Sul*, em 1975. Em 1976, lançaram, pela mesma gravadora, o primeiro disco individual *Canto da Gente*. Curiosamente, a gravadora decidiu acentuar a palavra "Tapes" para diferenciar de "teipes", coisa que em outras regiões do Brasil causaria confusão. Tinha razão a gravadora, em considerar a possibilidade de repercussão nacional do disco, pois ela veio mesmo.

Em 1979, representaram o Brasil em festivais em Berlim e Viena ao lado de Gilberto Gil, "Quinteto Violado" e Clementina de Jesus. Ainda nesse ano, gravaram o LP *Não tá Morto quem Peleia*, também pela Marcus Pereira, no qual registraram anos de preciosas pesquisas que incluíam maçambique, quicumbi, dobrados, ternos-de-reis e várias manifestações da cultura popular. Em 1981, já sem Waldir e José Cláudio, "Os Tapes" excursionaram pela Argentina, Paraguai e vários estados brasileiros, além de gravarem disco homônimo pela gravadora Cantares, de Martin Coplas, ex-integrante do grupo. O conjunto marcou profundamente a cultura gaúcha pela qualidade e intensidade de seu trabalho de pesquisa de nossa cultura e gerou, a partir de seus integrantes, outras formações como o "Duo em Preto e Branco" (Wladir Garcia e Wado Barcelos), e absorveu outras, como o grupo "Santa Preguiça" e, antes, o "Sambaqui". Mais do que um conjunto, "Os Tapes" foram um movimento cultural.



Demosthenes Gonzalez



O porto-alegrense Demosthenes Gonzalez foi um daqueles talentos múltiplos que raramente se encontra. Nascido a 24 de agosto de 1914, na juventude viveu no Rio de Janeiro e São Paulo e, muito intensamente, a vida boêmia da capital gaúcha. Aliás, Demosthenes foi, sobretudo, um grande boêmio, além de jornalista, escritor, compositor, criador de festivais, campeão de memória em programas nacionais de TV como "O Céu é o Limite" e "Do Zero ao Infinito". Companheiro de Lupicínio, com quem tomou gosto pelo uísque e pelo vinho, fundou, em 1960, o Clube dos Compositores (RS) e criou a Vindima da Canção de Flores da Cunha (1976). Comunista de carteirinha, foi preso várias vezes, junto com Jorge Amado, Carlos Marighella, Graciliano Ramos e outros expoentes da esquerda. Entre seus diversos livros publicados, está "Rua Verde - Lições do Cárcere" (Ed. Alcance/1991), escrito nos anos 30/40 no presídio da Ilha Grande (RJ). Sua obra musical é extensa. Foram mais de 200 canções, muitas delas gravadas por artistas das mais variadas cepas, como "Demônios da Garoa", Teixeira, Norberto Baldauf, Lourdes Rodrigues e Mary Terezinha. Em 1998, o Clube dos Compositores editou dois volumes, com tiragem limitada, estabelecendo precioso registro de 36 principais composições nas vozes de dezenas de intérpretes. De 1968 a 1972, foi vereador no município de Cachoeirinha, chegando a assumir a presidência da Câmara. É Cidadão Benemérito deste município e recebeu, também, a Medalha Cidade de Porto Alegre. Atuou como jornalista nos jornais A Noite e Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, A Notícia, de São Paulo, Correio do Povo, Zero Hora, Diário de Notícias, Última Hora e Crônica, de Porto Alegre, além de ter sido um dos mais atuantes repórteres da Revista do Rádio, nos anos 40/50.

Faleceu a 29 de julho de 2000, deixando significativo legado cultural para o Rio Grande do Sul. Dentre seus quatro livros publicados, "Roteiro de um Boêmio", minuciosa biografia de Lupicínio Rodrigues, publicada pela Sulina, em 1986. O primeiro gole de uísque da vida de Demosthenes foi servido por Lupi. Em 1974, meses antes da morte do compositor da Ilhota, Demosthenes foi visitá-lo. Dona Cerenita (esposa de Lupicínio) serviu ao visitante uma dose da bebida. Quando

ela ausentou-se do quarto, rapidamente Lupi pediu um trago ao amigo que, por absoluta lealdade e cumplicidade atendeu, apesar de seu abalado estado de saúde. Foi o último gole do grande boêmio. É de se pensar que a dupla deve estar dando um trabalho danado no céu, se lá houver alguma coisa contra uísque.

Hardy Vedana

Nascido em Erechim, a 13 de junho de 1928, radicou-se em Porto Alegre em 1945. A partir de 1950, passou a atuar em música, com ênfase no jazz, escrevendo para várias publicações especializadas e estudando clarinete. Em 1952, fundou o primeiro *jazz club* da capital gaúcha e, em 1953, ingressou no Instituto de Belas Artes. Na Rádio Farrroupilha, criou a "Banda dos Carijós", vindo a gravar seu primeiro LP em 1961. Em 1962, ao lançar seu segundo disco, promoveu uma inovação na cidade, fazendo publicidade de estabelecimentos comerciais com sua banda sobre um caminhão que rodava pelos bairros. Apresentou-se na Argentina, em televisões, rádios e casas de espetáculo. Eleito presidente do Sindicato dos Músicos (POA), permaneceu até 69, sendo reeleito em 81. Foi também fundador do Sindicato dos Músicos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e organizador de várias outras entidades da classe no sul do país.

Vedana tem papel fundamental na memória e pesquisa musical do estado. Seu livro "Jazz em Porto Alegre", de 1985, estabelece criteriosamente todos os passos deste gênero na cidade, desde o início do século XX. Reconstituiu, também, com impressionante precisão de nomes e datas, grande parte do meio musical porto-alegrense não exclusivamente ligado ao jazz. Coletou e conservou precioso acervo de documentos, partituras, fotografias, discos e tudo o mais que lhe caísse às mãos, fundando, em 1997, a Associação Museu da Imagem e do Som de Porto Alegre.





A importância do trabalho de Vedana na área da nossa memória cultural é inestimável. Seu acervo e publicações complementam o trabalho de pesquisadores do porte de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa em setores não cobertos por estes, mais dedicados ao tradicionalismo. Não bastasse o seu "Jazz em Porto Alegre", que, nas palavras de Luiz Fernando Veríssimo, "a história da música popular brasileira precisaria ser reescrita depois deste livro", no ano 2000 ele nos traz uma reconstituição fiel e preciosa da sociedade porto-alegrense através da biografia de Octávio Dutra, em seu novo livro. A obra de Vedana versa sobre música e músicos, mas traz ao leitor o contexto social e histórico do período a que se refere. Para quem vive a buscar dados, datas, nomes, locais e informações perdidas no tempo, vai encontrar soluções em Hardy Vedana. Além do já citado acervo, ele é dono de uma memória fantástica e de uma paciência infinita para esclarecer as dúvidas, de quem o procura, normalmente com questões que só ele tem a resposta.

Nos últimos tempos, Hardy Vedana tem-se batido pelo tombamento histórico do prédio da antiga "Casa A Elétrica" (segunda gravadora latino-americana e primeira do RS). A nossa proposta é mais abrangente: vamos tornar também Hardy Vedana como patrimônio histórico-cultural do Rio Grande! O homem é um arquivo musical ambulante.

Colmar Pereira Duarte

Nasce em 21 de maio de 1932, em Uruguaiana, filho de Alice e Luiz Duarte Júnior. Poeta, compositor e pesquisador, é o idealizador, junto com Henrique Dias de Freitas Lima, da Califórnia da Canção Nativa do RS (realizada anualmente em Uruguaiana) e um de seus criadores, em dezembro de 1971. Este festival foi o detonador do Movimento Nativista contemporâneo e de toda a série de festivais que surgiram posteriormente no estado. A história já é legendária: Colmar e alguns companheiros revoltaram-se com a recusa de uma composição sua em um festival de MPB, por ser de cunho regionalista. Criaram, então, a Califórnia da Canção Nativa* com o intuito de proporcionar uma alternativa exclusiva para o gênero.

Tem várias canções gravadas e premiadas e quatro livros editados: "Sesmaria dos Ventos" (1979), "Cancha Reta" (1986), "Cardo" (1993) e "Tempo de Viver" (2000). É autor de obras para balé, criadas para o Balé Brandes da Argentina, como *Curuzu Gil* e *Garibaldi e Anita*, além da transposição para balé da *Lenda da Salamanca do Jarau*, apresentada no Festival de Cosquin (Argentina, 1976), na Califórnia da Canção e no Teatro Leopoldina de Porto Alegre em 1974. Esta obra é considerada a primeira co-produção brasileiro-argentina para teatro. Entre inúmeras premiações, destacam-se o Troféu Clave de Ouro (Personalidade do Nativismo na Década de 80) e o Troféu Líderes e Vencedores - Expressão Cultural (2000). É o fundador do Grupo de Arte Nativa Marupiaras, autor de vários trabalhos de pesquisa de história do Rio Grande do Sul, publicados em vários jornais e revistas, membro da Comissão Bi-Nacional pelo Meio Ambiente (Uruguaiana / Paso de los Libres) e um dos fundadores da Associação de Escritores Sem Fronteiras (Uruguai, Argentina e Brasil). Atualmente, é o Coordenador Municipal de Cultura de Uruguaiana, membro do Conselho Consultivo da Califórnia da Canção e diretor do Centro Cultural do Município de Uruguaiana.



** Califórnia vem do grego, significa conjunto de coisas belas. No RS chamaram-se "califórnicas" as incursões guerreiras que Chico Pedro fazia, na Cisplatina, a fim de resgatar os bens de brasileiros lá radicados que sofriam perseguições (1850). Mais tarde "califórnia" passou a designar corrida de cavalos da qual participavam mais de dois animais; vocábulo hoje em desuso. Com as significações de "conjunto de coisas belas" e "competição entre vários concorrentes em busca de grandes prêmios" foi que o nome Califórnia da Canção Nativa prevaleceu entre seus idealizadores.*

(Nota excertada da contracapa do segundo disco da Califórnia da Canção Nativa).

Ary Rêgo - Ary Zenobini Rêgo

Nasceu em Rio Grande, a 26 de setembro de 1918. Em 1942, ingressa na Rádio Pelotense (PRC3), como locutor, assumindo, posteriormente, a direção de programação. Alguns anos antes, envolvera-se com arte, entusiasmado com os programas e espetáculos promovidos pela Rádio Pelotense. Com alguns colegas, montou uma revista musical no Teatro Sete de Abril, dando início à profícua carreira. Transferiu-se para a Rádio Farroupilha em 1947, como locutor.

Em 1950, a fábrica de chocolates Neugebauer visava promover um de seus produtos, o chocolate Guri. Ary propôs que se criasse um programa de auditório de calouros infantis denominado "Clube do Guri". Estava assim começando, um programa célebre da radiodifusão gaúcha que, até o seu final em 1966, revelaria vários grandes artistas entre as milhares de crianças e adolescentes que dele participaram. Sem dúvida nenhuma, o nome mais ilustre deste rol é Elis Regina. A maior cantora brasileira de todos os tempos iniciou sua vida artística como caloura do "Clube do Guri", sendo depois secretária e assistente de Ary. Costuma-se associar a figura de Elis, ainda



Ary Rêgo com Elis Regina.

menina, cantando em cine-teatros, mas Ary ressalta que 90% das edições do programa, em seus dezesseis anos de duração, foram mesmo realizadas no auditório da Rádio Farrroupilha, na av. Siqueira Campos. A relação de Ary com Elis foi muito próxima, quase como de um pai. Logo que Elis tornou-se profissional (em 1963, pôde gravar seu primeiro compacto pela CBS), a família da cantora e ela própria consultaram-no sobre se deveria aceitar ou não uma proposta de Maurício Sirotsky para permanecer em Porto Alegre. A pergunta foi feita pela mãe de Elis nestes termos: "Se ela fosse sua filha, o que você faria?". Resposta: "Tomaria um avião para o Rio amanhã de manhã".

Ary Rêgo comandou vários outros programas da Rádio Farrroupilha, onde atuou por quase 25 anos. Destacam-se o "Colégio Musical" (de 1952 a 55), do qual surgiu a cantora Lourdes Rodrigues, "A Voz de Ouro ABC" (do final dos anos 50), onde apareceu Edgar Pozzer, e "Domingo Alegre" (de 55 a 66). Permaneceu na Farrroupilha até 1979, seguindo para a Rádio Gaúcha onde, após oito meses, aposentou-se do rádio. Passou a trabalhar como gerente de propaganda da Neugebauer e, atualmente, é corretor de imóveis. O trabalho de Ary Rêgo fica como marco na história da radiofonia gaúcha. Seus programas fizeram parte do cotidiano e da vida cultural do Rio Grande por um quarto de século, e vários artistas importantes vieram aos microfones e holofotes por seu intermédio.

Glênio Reis

Glênio Reis costuma referir-se a si mesmo como *"dinosaurio da comunicação"*. Nascido em Porto Alegre a 24 de outubro de 1927, já na infância havia tomado a decisão de ser radialista, plano posto em prática em 1958, na Rádio Difusora, passando depois para a Farrroupilha e, finalmente para a Gaúcha, onde permanece até hoje. Glênio trouxe um conceito inovador para o rádio gaúcho. Na época, ainda não se falava em "comunicação", predominando a sobriedade, a voz empolada e grave, o tom de seriedade. Glênio atuava com descontração, informalidade e irreverência, animava seus programas de estúdio como se estivesse diante de uma platéia. Nos anos 60, empreendeu o programa "GR-Show" na TV Gaúcha, com duração de quatro horas ao vivo, aos sábados à tarde. Por ali

passaram grandes nomes da música nacional, mas, também e principalmente, os músicos locais, muitos deles lançados no programa. O "Conjunto GR-Show", formado para atuar no programa, fez sucesso em bailes e eventos por todo o estado, e Glênio passou a empresariar vários conjuntos que passavam por seu programa; chegou mesmo a constituir uma empresa para esta finalidade. Um dos conjuntos que recebeu grande apoio de Glênio foi o "Liverpool", sendo que a contracapa do LP "Por Favor, Sucesso" (único do grupo) foi feita por ele. Foi o primeiro "disc-jôquei" do rádio em nosso estado, e suas relações com o rock fizeram com que, nos anos 70, tivesse o "Programa da Pesada", de grande audiência na Rádio Gaúcha, cujo slogan era: "Este é um programa sem preconceito, onde a mediocridade não tem vez".



Glênio Reis com Nelson Gonçalves.

Glênio atingiu reconhecimento por seu trabalho, sendo que a Rede Globo chegou a cogitá-lo para substituir o célebre apresentador Chacrinha, quando de seu falecimento. Entre as homenagens de que foi alvo estão os títulos de Cidadão de Jaguari/RS (1999) e Cidadão de Sorocaba/SP (99), a Comenda Negrinho do Pastoreio/Governo do RS (99) e, em 2000, foi o Patrono da Feira do Disco de Porto Alegre.

O radialista segue atuante, além de apresentar o programa semanal "Sem Fronteiras" na Rádio Gaúcha, transmite os principais festivais do interior do RS.

Júlio Fürst

Nasceu a 08 de outubro de 1949, em Porto Alegre. É formado em Administração pela Faculdade São Judas Tadeu. Foi baterista do grupo "Roquets" de 1964 a 1968, tocando em bailes de clubes; depois formou um trio de bossa-nova. Sempre ligado à música, associou-se à loja de discos Mozart, no bairro Moinhos de Vento, onde, entre outras coisas, passou a produzir fitas cassete (era moda na época) com repertório selecionado para boates e particulares. Por conta deste conhecimento acumulado, foi convidado por Otávio Gadret para trabalhar na Rádio Pampa em 1972. Em 73, transferiu-se para a Rádio Continental. Isto mudaria bastante a sua vida e um bocado da história contemporânea da música do Rio Grande do Sul. Em abril de 75, Júlio leva ao ar um programa chamado "Mr. Lee in



Concert", patrocinado pela fábrica americana de jeans Lee, recém instalada em Porto Alegre. Cria um personagem *cowboy* e passa a rodar basicamente música *country*. Era já um radialista conhecido, mas, com este programa, seu prestígio aumentou significativamente. Dois meses depois, convidado a participar do júri do Festival Musi-Puc, ficou impressionado com a qualidade e a quantidade de músicos, intérpretes e compositores que encontrou.

Teve então uma idéia que revolucionaria a música de Porto Alegre dos anos 70. Reuniu os principais expoentes do festival, conseguindo respaldo da Lee para um grande concerto. Levou os músicos para o estúdio de locução comercial da Rádio Continental e, com um microfone e dois canais, gravou suas principais músicas. Começou a rodá-las no seu programa e aquelas que se destacavam, passavam a integrar a programação geral da rádio em igualdade de condições com os discos comerciais. O resultado foi que, a 13 de agosto de 1975, no primeiro show "Mister Lee in Concert", o sucesso foi muito maior do que o esperado. O Teatro Presidente logo esgotou sua lotação de, aproximadamente, mil lugares. Uma multidão, que havia ficado de fora, derrubou as grades das saídas laterais e invadiu o teatro. Júlio calcula que perto de 3 mil pessoas amontoaram-se pelos corredores para assistir aos treze shows escalados, entre eles Fernando Ribeiro, o "Almôndegas", "Inconsciente Coletivo" e Gilberto Travi. Apesar do susto, tudo transcorreu em paz. Naquela noite, Hermes Aquino, já conhecido no rádio por *Machu Pichu*, lançou a inédita *Nuvem Passageira*.

Meses depois, no Auditório Araújo Vianna, outro sucesso espetacular, com dezoito grupos em palco. O êxito reproduzia-se também (e principalmente) na Rádio Continental. A população de Porto Alegre passou a ter acesso a uma produção musical que só poderia conhecer indo aos festivais e shows. O programa "Mister Lee in Concert", que ia ao ar a partir das 22 horas, ganhou definitivamente a audiência e fez com que Porto Alegre olhasse para si mesma. Foi um passo histórico que alterou positivamente a dimensão musical dos anos 70. Logo o evento viajou em caravana pelas principais cidades do interior e, com a retransmissão do programa pela Rádio Iguaçu de Curitiba, o show realizou-se com igual sucesso na capital paranaense.



Júlio Fürst contribuiu muito para a auto-afirmação da música de Porto Alegre dos anos 70, criou escola seguida por outras rádios depois dele. Sua iniciativa foi uma das coisas mais significativas para a nossa música naquele período histórico. No entanto, ele é modesto ao referir-se a este fato: *"Quando fui pela primeira vez ao Musi-Puc, fiquei impressionado com o que vi. Senti um grande constrangimento por ter um bom espaço em uma rádio importante e não fazer nada para ajudar aquele pessoal fantástico. Me deu uma agonia pensar que só quem freqüentava o festival sabia o que estava acontecendo e que o grande público estava por fora. Eu tinha que fazer alguma coisa, mas simplesmente fiz o que já estava caindo de maduro. O grande mérito foi mesmo da efervescência musical dos anos 70 em Porto Alegre."*

Ayrton dos Anjos

Nasceu a 27 de dezembro de 1941, em Porto Alegre. Desde a infância, adorava rádio e os grandes apresentadores, como Glênio Reis, Paulo Deniz e Osmar Meletti. Era fã devotado de Elis Regina que assistia em programas de auditório e, mais tarde, teriam grande influência em na vida do outro. No final dos anos 50, comprou um espaço semanal na Rádio Metrópole, onde passou anunciar as festividades escolares, bailes e eventos. Ávido consumidor de discos internacionais, fazia de sua coleção a base de seu programa. Para incrementar, decidiu receber no aeroporto as grandes atrações artísticas que vinham a Porto Alegre e ciceroneá-las na cidade. Assim, levava vantagem quanto à participação em seu programa, além de ganhar mais alguns discos para o seu acervo.

A gravadora Mocambo, de Recife, tinha representação em Porto Alegre, cujo titular veio a falecer. Ayrton percebeu ali uma possibilidade e partiu imediatamente para São Paulo, onde conquistou a vaga. A gravadora tinha um catálogo fraco, e Ayrton, demonstrando tino, vence a dificuldade fazendo um trabalho diferenciado de divulgação aliado às vendas. Após seis meses, foi convidado a assumir a divulgação regional da CBS (maior gravadora da época). Exorbitando de sua função, promove o contrato de Elis Regina com a CBS, tirando-a da Continental, o que seria definitivo para as carreiras de ambos.

No baile do Disco Clube, em 1962, Elis, ainda um sucesso local, foi coroada rainha da entidade. Dançava com Ayrton, que tinha um estilo peculiar de bailar "pedalando". Abordada por um jornalista que perguntava como ela "se sentia" sendo a rainha da festa, Elis, como sempre irreverente, respondeu que se sentia "andando de patinete", aludindo ao jeito de Ayrton dançar. Daí pegou o apelido com o qual Ayrton entrou para a história da música do RS.

Desse período para a frente, a carreira de Patinete deslançou em um setor totalmente novo. Comprou espaços nas Rádios Triunfo e Porto Alegre, expandindo as vendas da CBS. Ganhou a representação exclusiva da gravadora para o interior do RS e Santa Catarina. Em 1964, conhece Roberto Carlos em início de carreira, com quem trava amizade. Logo estouraria a Jovem Guarda pela CBS e com isso, mudaria a estratégia da gravadora. Patinete muda-se para a Continental. Habitado ao mercado local, percebe que o catálogo da nova gravadora é predominantemente sertanejo; resolve, então, pressionar a direção para gravação de artistas gaúchos. Nomes como "Os



Araganos" e "Os Mirins" começam a puxar o crescimento de vendas da Continental. Em 1970, numa tacada ousada, convence a gravadora a reinvestir em Gildo de Freitas, e "monta" um estúdio para a gravação do disco na Rádio Continental, trazendo Renato de Oliveira, um dos maiores maestros do Brasil, para dirigir. Patinete torna-se poderoso no sul. Neste período, até meados dos anos 70, lançaria pela Continental mais de duzentos títulos de artistas locais. Logo passa a produzir também os discos dos festivais nativistas, fazendo decolar a Califórnia da Canção e, mais tarde, o Musicanto, a Moenda e muitos outros. Ayrton foi produtor e/ou diretor de várias grandes gravadoras (e pequenas também). Só para citar algumas: Polygram, RBS/Som Livre, Warner, K-Tell e Atração, além de ter criado vários selos fonográficos, como Discoteca (atual USA Discos) e JM Produções (em sociedade com José Mendes).

Patinete é testemunha ocular e protagonista da história contemporânea da música no RS e de fatos inusitados a ela ligados. Sua exclamação "Eu gravo !" é incorporada ao folclore da música e da noite de Porto Alegre. Supõe Glênio Reis que Patinete tenha sido responsável pelo lançamento de mais de 500 títulos e centenas de artistas, ao que ele retruca: "Também, pudera, durante muito tempo eu fui o único!". Analisando estes fascículos, verificaremos que Patinete é um dos personagens mais citados e está integrado, de maneira decisiva, à história de muitos artistas importantes. É, certamente, o maior nome da produção fonográfica gaúcha no século XX. Faz questão de dizer que, no começo de sua carreira, era movido puramente pelo comercialismo, mas depois aprendeu a valorizar os aspectos culturais e, a partir dos anos 70, sua maior preocupação foi documentar a música do Rio Grande do Sul em seus mais variados aspectos.

Juarez Fonseca

Nascido em Canguçu, a 8 de setembro de 1946, Juarez tem uma larga biografia ligada à história da música do RS. Jornalista formado em 1970, começou como repórter de Zero

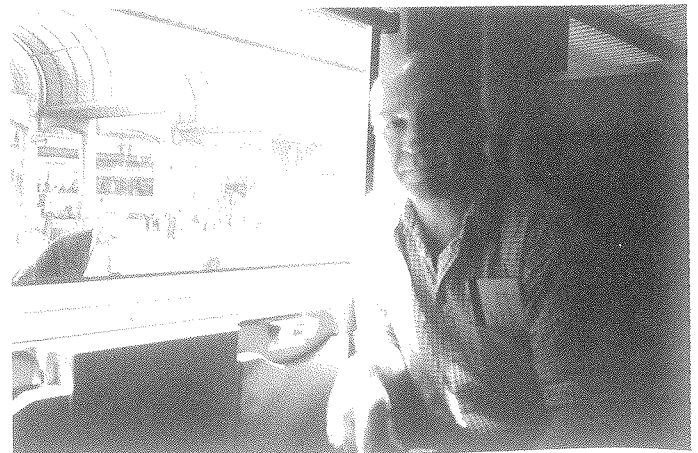
Hora e Folha da Tarde em 1969. Em ZH, exerceu várias funções até 1996, com destaque nas áreas de editoria de cultura e crítica musical, colaborando em várias outras publicações nacionais e internacionais, atuando, também, como comentarista em rádio e TV. Sua trajetória no jornalismo gaúcho é das mais prolicuas e reconhecidas, tanto nas funções específicas quanto no aspecto sindical (foi integrante da diretoria e da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas do RS), mas sua importância para a música gaúcha vai além do exercício cotidiano como homem de imprensa por mais de trinta anos. Juarez produziu vários discos fundamentais para a música contemporânea do RS, como os de Renato Borghetti (o terceiro LP), Victor Hugo e Leopoldo Rassier. Em 1978, foi responsável pelo legendário LP *Paralelo 30*, marco da nossa fonografia (este disco recebeu nova versão em 2001 pela Unisinos). Foi, também, capista de discos de Telmo de Lima Freitas, César Passarinho, Cenair Maicá, Borghetti (o primeiro LP), Jayme Caetano Braun e Luiz Carlos Borges entre outros.

Outro destaque importante, entre suas realizações, é a biografia de Gildo de Freitas, para a coleção "Esses Gaúchos" (Tchê/RBS-1985), documento de inestimável valor histórico, que fundamentou, inclusive, o fascículo constante desta coleção.

Produziu e dirigiu vários espetáculos musicais; foi jurado da maioria dos festivais realizados no RS e também em outros estados, incluindo MPB Shell e Festival dos Festivais (ambos da Rede Globo).

Em 1987/88, foi o Coordenador de Música e Artes Cênicas da Secretaria da Cultura de Porto Alegre, ano de sua criação. Em sua gestão, promoveu o lançamento do LP póstumo de Carlinhos Hartlieb, *Um Risco no Céu*. Em 1989/90 foi membro do Conselho de Cultura do Estado. Atualmente, entre muitas atividades, é colunista do jornal ABC Domingo, das revistas Aplauso (POA) e Sucesso CD (SP), além de editor do Jornal da Universidade (UFRGS).

Juarez é um dos maiores conhecedores da história contemporânea da música do Rio Grande do Sul e sua colaboração neste projeto foi fundamental. Aliás, dificilmente qualquer projeto de pesquisa sobre a música gaúcha poderá ser completo sem que se recorra aos dados acumulados por ele ao cabo de três décadas de trabalho. Sua atuação é amplamente reconhecida no meio cultural e em vários segmentos sociais, fazendo juz ao título de Cidadão Emérito de Porto Alegre



(1990) e à Medalha Cidade de Porto Alegre (1994). No nosso projeto, Juarez representa, além de sua incontestável importância individual, a ação de toda a imprensa gaúcha, sem a qual (para o bem e para o mal) a nossa música não seria o que é. Basta ver que seu nome é um dos mais citados neste projeto, tanto em textos de pesquisa quanto pelos próprios músicos entrevistados.

Arthur de Faria



Compositor, multinstrumentista, jornalista, produtor e historiador da música brasileira, Arthur é um cara cheio de idéias e atividades. Sua produção é rica em quantidade e qualidade. Por exemplo: como jornalista, escreveu para a Zero Hora de 1989 a 1992 (e continua colaborando). Escreveu também para a Revista Veja, foi sócio/editor da revista Capacete e colabora até com publicações internacionais.

Liderou o legendário grupo "Barato pra Cachorro", com o qual ganhou o Troféu Açorianos em 1989. Fez direção musical de vários espetáculos e eventos de peso, como o "Túlio Piva 75 Anos", no qual também atuou como músico.

Produziu vários discos importantes, como o CD *As Origens*, da série *A Música de Porto Alegre* (SMC/POA), *Minha Longa Milonga*, de Cláudio Levitan, *De Quatro*, da cantora Muni, Nico Nicolaiweski e a secção regional da "Cartografia Musical Brasileira" (2001) do projeto Itaú Cultural, do qual foi um dos curadores.

Fez também várias trilhas para teatro e cinema e sua discografia, até o momento, é composta por três discos: *Música pra Gente Grande* (96), *Flicts* (2000) e *Meu Conjunto tem Concerto* (ainda em fase de conclusão).

Arthur é, além de tudo, um dos principais conhecedores e pesquisadores da música do Rio Grande do Sul. Esta faceta de seu trabalho levou-o a apresentações em vários países, como Uruguai, Argentina e Áustria. Também por isto, ministra cursos de história da MPB.

É, apesar de jovem, um dos grandes expoentes da recuperação da memória musical gaúcha. Em parceria com Carlos Branco e patrocínio da CEEE, lança em 2001, o livro "Um Século de Música", sobre nossa história, com cinco preciosos CDs encartados, que compõem vasta coletânea dos últimos cem anos da música do RS.

Los Hermanos

Na constituição do Brasil como nação, o Rio Grande do Sul tem, historicamente, uma formação diferenciada; é notória sua proximidade com os povos do Prata. A influência dos "castelhanos" em nossa música integra sua gênese desde sempre e, a rigor, para explicá-la, é necessário um aprofundamento do estudo da própria história da América do Sul e da sua colonização pelos povos ibéricos. Em resumo, pode-se afirmar que a "Pátria Gaúcha", tão referida por vários músicos, concentra Argentina, Uruguai e o sul do Brasil, mas também é permeada pela cultura paraguaia, chilena, peruana e, enfim, andina. No século XX, superada a fase aguda dos confrontos belicosos entre estes povos, o componente gaúcho acaba integrando pacífica e definitivamente o cadinho cultural do RS, de tal maneira que nossas culturas tornam-se indissociáveis, chegando mesmo a propalar-se que a principal diferença do RS para o "resto do Brasil", seja justamente esta. Há quem diga que o samba de Lupicínio (na primeira metade do século XX) incorporava o tango de Gardel, mas, concretamente, a formação do Movimento Tradicionalista tem como principal referencial, em seu início, o Uruguai (ver fascículo Barbosa Lessa e Paixão Côrtes).

A leitura destes fascículos levanta estas ligações (e aí com mais referências à Argentina) em vários segmentos, desde a Música Missioneira, até as modernas formas da milonga, chamamé, candombe, passando pela música andina. Em meados dos anos 70, um grande aporte musical se faz através de obras e discos de gente como Mercedes Sosa, Tarragô Ros, Athaulpa Yupanqui, Violeta Parra, Vitor Jara e muitos outros grandes artistas sul-americanos; provocou um fenômeno de absorção deste segmento pelos centros urbanos brasileiros, com ênfase no RS. Vários artistas argentinos e uruguaios vieram morar no estado, influenciando enormemente a música local. Martin Coplas, Chaloy Jara, Dante Ramon Ledesma, Raulito Barbosa, Lúcio Yanel, Carlito Magallanes, Carlos Garofali, Talo Pereira formaram uma legião de grandes artistas com ação direta sobre a maneira de se fazer música no Rio Grande. Instrumentos, técnicas, gêneros musicais, sotaque, poética, temáticas, enfim, tudo o que antes aqui chegava por rádio, disco e espetáculos, passou a fazer parte da vida cotidiana do público e do meio artístico gaúcho. Não se pode, hoje, falar sobre história da música do Rio Grande do Sul sem levar em conta a importância de "los hermanos" que, "cada qual con su trabajo", ajudaram a tornar a nossa cultura tão peculiar.

Lúcio Yanel

Lúcio Yanel é a "guitarra argentina" em terras brasileiras. Natural da Província de Corrientes, desde muito cedo o instrumento faz parte de sua vida. Em 1971, já reconhecido como um dos grandes nomes do folclore de seu país, realizou histórica turnê, ao lado de Raulito Barbosa e "Los Olimareños", pelos 56 países que compunham a União Soviética.

Em 1978, mudou-se para Passo Fundo, passando a residir com Algacir Costa, pai de Yamandu. Ali começou a influenciar decisivamente a carreira do futuro gênio do violão gaúcho, que se confessa seu discípulo. Logo transferiu-se para Porto Alegre, onde desenvolveu seminal carreira na música gaúcha. Gravou muitos discos, com destaque para seus quatro trabalhos solos e



Detalhe de capa LP "Guitarra Pampeana".

sete com Jayme Caetano Braun. É um dos maiores vencedores da Categoria Melhor Instrumentista dos festivais gaúchos, tanto que, a partir de 1982, foi considerado *hors-concours* em todos eles.

Raulito Barbosa

Raulito Barbosa é um dos grandes mestres e influenciadores da música do Rio Grande do Sul. Nascido em Buenos Aires, seu pai foi grande parceiro de Athauualpa Yupanqui e, a partir dos cinco anos, Raulito passou a estudar acordeom.

Hoje sua discografia é extensa e disseminada por vários países. No Brasil, tem lançados discos como *Los Caminantes* e *Sin Fronteras*, de grande valor histórico. Entre seus admiradores está Luiz Carlos Borges.

Em 1983, residiu em Santa Rosa, ajudando Borges na construção do Musicanto. Foi através de Raulito que a cantora Mercedes Sosa apresentou-se na abertura do festival, depois de longo exílio na Europa.



Detalhe de contracapa LP "Sin Fronteras".

Talo Pereyra

Natural de La Plata, Argentina, Talo Pereyra radicou-se no Rio Grande do Sul em 1976. É um dos maiores vencedores dos festivais com 37 primeiros lugares até o ano 2001. Violonista, arranjador e compositor, estabeleceu parcerias históricas com brasileiros, como Ivaldo Roque, Jayme Caetano Braun, Apparício Silva Rillo e Robson Barenho. Talo já é patrimônio da música gaúcha (ver mais sobre Talo no fascículo de Ivaldo Roque).



A "Legião Estrangeira"

Vários músicos gaúchos desenvolveram trabalhos no exterior. Alguns, como Renato Borghetti, Frank Solari e Luiz Carlos Borges, têm reconhecimento em determinados lugares e segmentos, mas há aqueles que fixaram residência em outros países, principalmente na Europa.

Alegre Corrêa, por exemplo, tem uma carreira em franca ascensão no Velho Continente. Sediado em Viena, Áustria, lidera um grupo atuante de bons músicos e contribui decisivamente para a realização de turnês europeias de artistas gaúchos que vão daqui para lá eventualmente, como Gelson Oliveira, Júlio Rizzo, Totonho Villeroy e Luiz Carlos Borges, entre outros.

Nesta "Legião Estrangeira" gaúcha, existem grupos, como o "Raiz de Pedra" (sediado na Alemanha), carreiras solo, como Márcio Faraco, Leonardo Ribeiro (que atua tanto lá, quanto cá), Wado Barcelos ou Rogério Licks. Este pessoal tem discos (muitos) lançados e bastante reconhecimento. Optaram, cada qual por suas razões, por trabalhar e viver fora do Brasil, mas sua presença em outros países contribuem bastante para o crescimento de nossa música.

O próprio fato de que eles tenham emigrado já demonstra um desenvolvimento na música local, no sentido de produzir artistas competitivos internacionalmente e, também, uma eventual incapacidade do mercado local em absorver seus trabalhos como eles gostariam. Há necessidade de expansão. Independentemente de encaixarem-se ou não neste perfil, sua ação representa uma capilarização mundial de nossa música. Em nenhum outro período de sua história, o Rio Grande teve um mercado interno tão receptivo e desenvolvido ao que aqui é produzido e, ao mesmo tempo, tantos músicos locais atuando no exterior quanto nos últimos quinze anos do século XX.



Alegre Corrêa - Clóvis Nunes Corrêa

Um dos maiores guitarristas gaúchos de todos os tempos, Clóvis Nunes Corrêa, nasceu em Passo Fundo. Aos treze anos de idade, já tocava profissionalmente. No início dos anos 80, teve seu trabalho amplamente reconhecido no Rio Grande do Sul, por suas performances individuais, também acompanhando outros artistas e liderando o legendário grupo "Circuito Emocional". Em 1987, acompanhado por Luiz Carlos Borges, venceu o Festival de Música Popular Brasileira (Fam-pop), em Avaré/SP. Em 1989, mudou-se para Europa, fixando-se em Viena (Áustria). Lá desenvolveu intenso trabalho solo e com as bandas "Mato Grosso" (1989) e "Sexteto Alegre Corrêa" (a partir de 1993). Com vários discos lançados na Europa (entre eles *Infância*, em 93, e *Negro Coração*, em 95), Alegre tornou-se também referência e ponto de apoio para vários músicos e projetos musicais institucionais brasileiros no velho continente. Trabalhos de Gelson Oliveira, Totonho Villeroy, Luiz Carlos Borges e "Papas da Língua", entre outros, tiveram apoio de Alegre para sua realização em vários países da Europa.



É um dos músicos gaúchos de maior influência no exterior, tendo tocado com a "Orquestra Sinfônica de Viena", Timma Braver, Harry Sokal, Christian Radovan, Marcelo Onofri e Hermeto Pascoal. Eventualmente, retorna ao Brasil para matar a saudade e, claro, tocar muito.

Raiz de Pedra

O grupo "Raiz de Pedra" foi criado em 1978, em Porto Alegre. Em 1980, constituiu a formação mais conhecida (pelo menos aqui) por Márcio Tubino (sax), Pedro Tagliani (guitarra), Marcelo Nadruz (teclado), Ciro Trindade (baixo) e César Audi (bateria). Com uma fusão de jazz, rock, clássico e folclore brasileiro, os rapazes criaram uma sonoridade muito peculiar, e seu estilo foi ganhando notoriedade.

Na metade da década de 80, o Raiz já era reconhecido como uma das melhores formações instrumentais da história da música contemporânea gaúcha, ao lado de "Cheiro de Vida" e "Circuito Emocional". Gravou na coletânea *Porto Alegre 83*,



Tonda, Ciro, Cesar, Pedro e Márcio.

lançou disco próprio e atuou na base do LP *Quintanares & Cantares* (de Mário Quintana e Henrique Mann), além de muitos shows com amplo reconhecimento de público e crítica.

No final da década, mudou-se para a Alemanha. Do quinteto original, apenas o tecladista Marcelo Nadruz ficou no Brasil, sendo substituído por Tonda Pecoits. Saudado pelos jornais da Europa e apoiado por gente de peso, como Egberto Gismonti, o "Raiz" conquistou (com muito esforço) seu espaço naquele continente. Após várias alterações de formação, o grupo se desfez em 2001, deixando lançados quatro discos: *Trajetória* (Pialo - Brasil/1985), *Raiz de Pedra ao Vivo* (Independente - Brasil/1987), *Pictures* (Mazur Music - Alemanha 1989) e *Diário de Bordo* (Enja Records - Alemanha/1995).

Márcio Tubino (saxofonista) e Pedro Tagliani (guitarrista) lançaram seus próprios trabalhos e seguem carreira solo na Europa. Cesar Audi retornou ao Brasil onde prossegue trabalhando. Ciro Trindade formou-se em baixo acústico no Conservatório de Munique. Tonda Pecoits toca com várias bandas alemãs. Marcelo Nadruz é professor de música e regente de vários corais em Porto Alegre.

Márcio Faraco

Márcio Faraco é hoje um dos músicos brasileiros de maior repercussão no exterior. Aparece citado nos catálogos musicais internacionais ao lado de grandes nomes como Tom Jobim, João Gilberto e Caetano Veloso. Aliás, ele mesmo se diz discípulo de João Gilberto e, em Paris, sua música é chamada pela imprensa de "neobossa-nova". Inusitado (e talvez sintomático) que ele não tenha tido a menor repercussão em sua própria terra.

Nasceu em Alegrete, em 1962. Em 1987, depois de morar por longo período em Porto Alegre, radicou-se em Paris. Lá começou devagar, apresentando-se para os amigos em seu apartamento e foi ganhando terreno. Logo realizava shows em outros países. Em 1994, conheceu Chico Buarque por quem foi convidado a participar do espetáculo "Tributo a Tom Jobim" no Rio de Janeiro. Foi ali que as portas se abriram definitivamente. Apadrinhado pelo compositor carioca, travou contato com grandes artistas e participou de shows ao lado de Maria



Bethânia e Hermeto Pascoal. Gravou com Cássia Eller e Milton Guedes. Esta ascensão meteórica do compositor passa por show no Festival de Montreux (Canadá-2000) junto a Bebel Gilberto e Lenine. No mesmo ano, grava, pela Universal, o disco *Ciranda*, com participações de Chico Buarque e Wagner Tiso. O lançamento é mundial, exceto para o Brasil. Por que será, hein?

Alberto Oliveira



Alberto Oliveira começou sua carreira em 1976, tocando contrabaixo em grupos como "Inconsciente Coletivo" e "O Beco".

Em 1988, após tocar bastante com Cao Trein e Coió Lacerda, além de ter gravado um compacto pela Eger, partiu para a Europa. Morou algum tempo na Espanha e acabou instalando-se definitivamente na França.

Em 1999, lançou seu disco solo, *Porto*, na França, com canções de vários períodos de sua carreira. Alberto tem uma atuação voltada para a divulgação da música gaúcha no exterior. Além de interpretar autores gaúchos em seus shows, chegou a ter, em Toulon (França), um programa especializado em música do Rio Grande do Sul. Foi um dos mentores do Festival Sud a Sul (Sanary/França) e é grande apoiador dos músicos gaúchos que viajam para lá.

Leonardo Ribeiro



Natural de Quaraí, Leonardo Ribeiro deixou o Brasil em 1973, estabelecendo-se na Suíça.

Por duas décadas, atuou na Europa ao lado de Teca Calazans e Ricardo Villas, com quem fez muitos shows e discos. É parceiro de Gonzaguinha em duas canções *Pois é, Falou* e *O Errado Somos Eu*.

Entre idas e vindas ao Brasil, acabou retornando definitivamente ao RS em 1996. Não deixou, porém, a conexão internacional, gravando seu disco mais recente, *Hecho con las Manos*, em Genebra, em 2001.

Tem, até 2002, um total de nove discos gravados, sendo três no Rio de Janeiro, um no Rio Grande do Sul, um em Genebra e outros quatro lançados em Paris.

Dedé Ribeiro

Nascida em Porto Alegre, a 31 de outubro de 1957, Denise Veloso Fernandes Ribeiro é jornalista, diretora de produção e, eventualmente, compositora, parceira de artistas renomados, como Nelson Coelho de Castro em *Armadilha* ou Fernando Ribeiro (seu ex-esposo) em várias canções. Mas é como produtora que ela deixa sua principal marca na música do RS.



Começou em 1977, produzindo o primeiro show de Nelson Coelho de Castro, no Teatro de Arena. Daí não parou mais. Produziu discos e shows de grande parte dos artistas biografados nestes fascículos. Trabalhou como assessora de imprensa das maiores produtoras locais durante dez anos. Desenvolveu o aspecto teórico e didático da produção de eventos e gestão de espaços culturais, especializando-se na França (Paris 1-Sorbonne), criando, posteriormente, o primeiro curso de produção do RS e lecionando em várias instituições.

Dedé Ribeiro é, em uma parcela muito grande, responsável pela repercussão da música gaúcha contemporânea no exterior, principalmente na Europa, a partir dos anos 90.

Foi, entre outras coisas, produtora ou co-produtora de eventos como o Festival Sud a Sul (Sanary/França), Brasil 2000 (Viena/Áustria), e turnês européias de vários artistas, como Arthur de Faria, Gelson Oliveira e Júlio Rizzo.

Dirigiu a Usina do Gasômetro (POA) e no ano 2001, assumiu a coordenação do Santander Cultural.

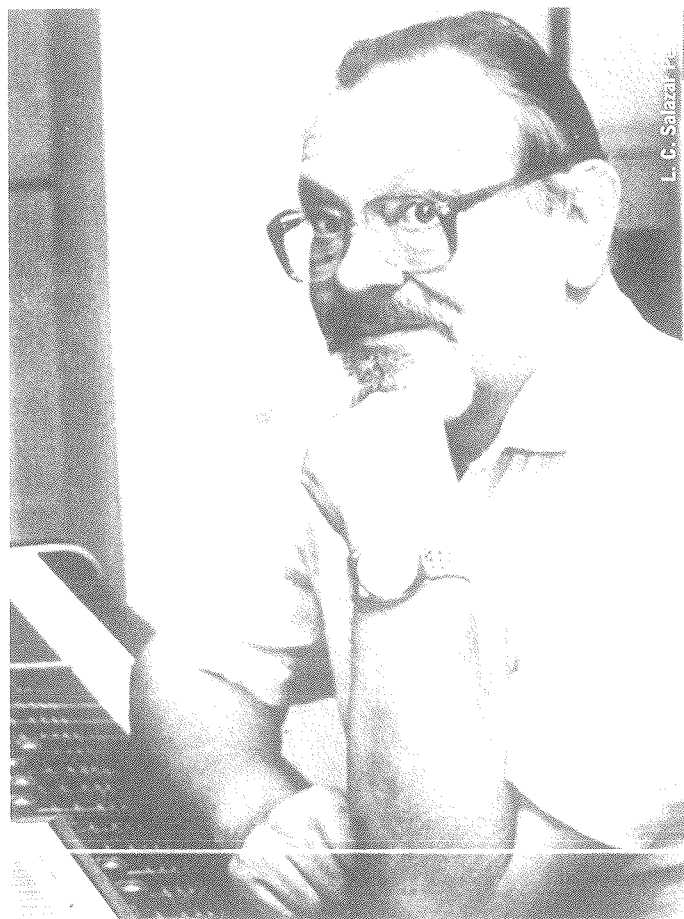
Alfred Hülsberg

Nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 1927, onde cursou a Escola Superior de Música. Em 1954, contratado pela OSPA, mudou-se para Porto Alegre, onde passou a trabalhar como instrumentista, orquestrador, compositor e regente.

Veio para ficar dois anos, mas apaixonou-se pelo Rio Grande e aqui permaneceu até o seu falecimento, a 11 de outubro de 2001. Hülsberg foi um dos mais importantes elos entre a música erudita e a folclórica no estado.

Ao lado da cantora e compositora Marlene Pastro, sua companheira por mais de vinte anos, compôs a Missa Nativa, além de várias outras obras nesta linha. Foi também responsável pelos arranjos de um número imenso de discos de autores gaúchos de vários gêneros.

O grupo jazzista "Raiz de Pedra", por exemplo, nasceu dentro da casa do maestro, que fez não só a música erudita entrar no jazz, no rock ou no tradicionalismo gaúcho, mas o contrário também: levou o acordeom para solar com a orquestra. Hülsberg trabalhou na Rádio Farroupilha em elaborações de trilhas sonoras de novelas, e com Elis Regina, Salvador



Detalhe do encarte do LP "Quintanares & Cantares".

Campanella e Glênio Reis, aposentando-se da OSPA em 1995.

Sua contribuição para a música do Rio Grande do Sul foi imensa em vários setores, inclusive na direção de estúdio de gravação, onde pontificou durante muitos anos. Chegou a recusar convite para a "Filarmônica de Nova Iorque", optando por permanecer no Rio Grande, e este seu amor por nossa terra pode ser exemplificado, dentre tantas realizações, em um fato histórico revelador: a versão oficial do Hino Rio-Grandense é regida por ele. Por uma daquelas coisas que nos leva a desconfiar da coincidência, foi sepultado a poucos metros do túmulo de Teixeira, ao som do *Salmo de Louvor Universal*, composto por ele a pedido de Elis Regina.

José Carlos Lima

José Carlos Lima (Zeca), nasceu em Santo Ângelo (RS), a 18 de dezembro de 1951. Já na infância, participava de programas de auditório, tocando cavaquinho e, depois, violão. Aos 21 anos, começou a estudar violino e, aos 27, assumiu posto na "Orquestra Sinfônica de Porto Alegre", acumulando este trabalho com o de cantor e guitarrista em conjuntos de baile. Casado e com filhos, descobriu o método Suzuki como forma ideal para ensinar música às crianças. Mandou fabricar violinos em miniatura para elas. No final de 1982, sessenta pequenos alunos de Zeca tocaram ao ar livre em Porto Alegre, atraindo a atenção geral para seu trabalho.



Em 1983, foi inaugurada a Escola de Música Tio Zequinha, e a Associação Internacional de Professores do Método Suzuki, no Japão, nomeou José Carlos seu representante no Brasil. Várias centenas de crianças já receberam educação musical por este método, mas, de modo especial, os próprios filhos do José Carlos. Ao mesmo tempo, Zeca e a esposa Lorena Scholles acalentavam o projeto de popularizar a música erudita. Com o crescimento e desenvolvimento musical dos filhos Amon-Rá, Moisés e Lucas, mais a aproximação do sobrinho Allen, também estudante de música, decidiram realizar apresentações com a família.

A primeira apresentação sob o nome "Família Lima" foi em 1993, em Morro Reuter (RS), terra da família de Lorena. Daí em diante, a trajetória do grupo foi vertiginosa. Em 1994, apresentaram-se no Principado de Andorra, Madri, Barcelona, no Caribe e em Los Angeles. No ano seguinte, na Áustria e na Espanha. Em 1996, nos EUA. No Brasil, tornou-se assídua em programas da grande mídia nacional e na parada de sucessos, constituindo verdadeiro fenômeno fonográfico. A mistura de música erudita com vários gêneros populares funcionou exatamente como Zeca e Lorena sonhavam, tornando a "Família Lima" um dos nomes mais importantes do cenário musical brasileiro na virada do milênio.

O Disco Independente

Desde a invenção do gramofone, na transição do século XIX para o XX, foram, paulatinamente, se estabelecendo empresas com intuito de industrializar a obra fonográfica.

Já nas primeiras décadas do séc. XX, várias tornaram-se multinacionais e, logo, empresas poderosas passaram a ditar as regras de mercado da música em todo o planeta. A única possibilidade, então, de um artista que não estivesse dentro dos padrões preconizados pela indústria, era a chamada "matéria paga", ou seja, bancar seu próprio disco, e isto aconteceu desde que existe indústria fonográfica.

Depois de vários exemplos de artistas que ingressaram no *showbis* por esta via (ver fascículo José Mendes, por exemplo), em 1981, Nelson Coelho de Castro (ver fascículo

Nelson) decide assumir uma postura ideologicamente independente, precipitando uma grande transformação na história fonográfica do Rio Grande do Sul. Criou um sistema de venda de bônus para financiar seu próprio disco, encarregando-se de todas as fases do processo de produção até a distribuição.

Esta senda foi seguida por vários artistas depois dele, mas, nos anos 90, com o advento do CD e da técnica digital de gravação em estúdio, houve um *boom* na produção de discos independentes. A este fenômeno agrega-se a criação de várias leis de incentivo à cultura, sendo que o Fumproarte (SMC/POA), sozinho, desde que foi criado em meados da década de 90, possibilitou a produção, até o ano 2000, de mais de uma centena de discos.

Os músicos também empreenderam seus próprios discos por vários outros meios, de modo que o RS termina o século XX como o terceiro maior pólo produtor do país no segmento. Em 1998, os músicos Márcio Celi, Nanci Araújo e Flora Almeida criam a Mostra de CDs Independentes, com total sucesso, provando a pujança deste mercado florescente.

Em 1999, é fundada a Associação Gaúcha de Discos Independentes-Agadisc (com Henrique Mann na presidência, Frank Solari na vice-presidência e Pery Souza na presidência do Conselho), que, agindo em conjunto com a Mostra, a Rock-Rock Produtora e a Prefeitura de Porto Alegre conseguem promover vários eventos, com destaque para o "Encontro Regional de Música Independente" (em 2001), em uma maratona de, aproximadamente, cinquenta shows, ciclos de debates e exposição de discos e instrumentos em quatro dias, no Centro Municipal de Cultura.

A Agadisc, em 2001, dá seguimento ao projeto de estabelecer, em convênio com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, um Centro Cultural no Viaduto Otávio Rocha, especializado em discos independentes. Com a criação de núcleos pelo interior do estado, provavelmente, no século XXI, o artista tenha um canal próprio de produção e distribuição do seu trabalho, sem submeter-se às regras da indústria fonográfica convencional. O disco independente é, hoje, sinônimo de bom produto e bom negócio.



Flora Almeida, Nancy Araújo e Márcio Celi, recebendo Lobão na Mostra de CDs Independentes.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuiás
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

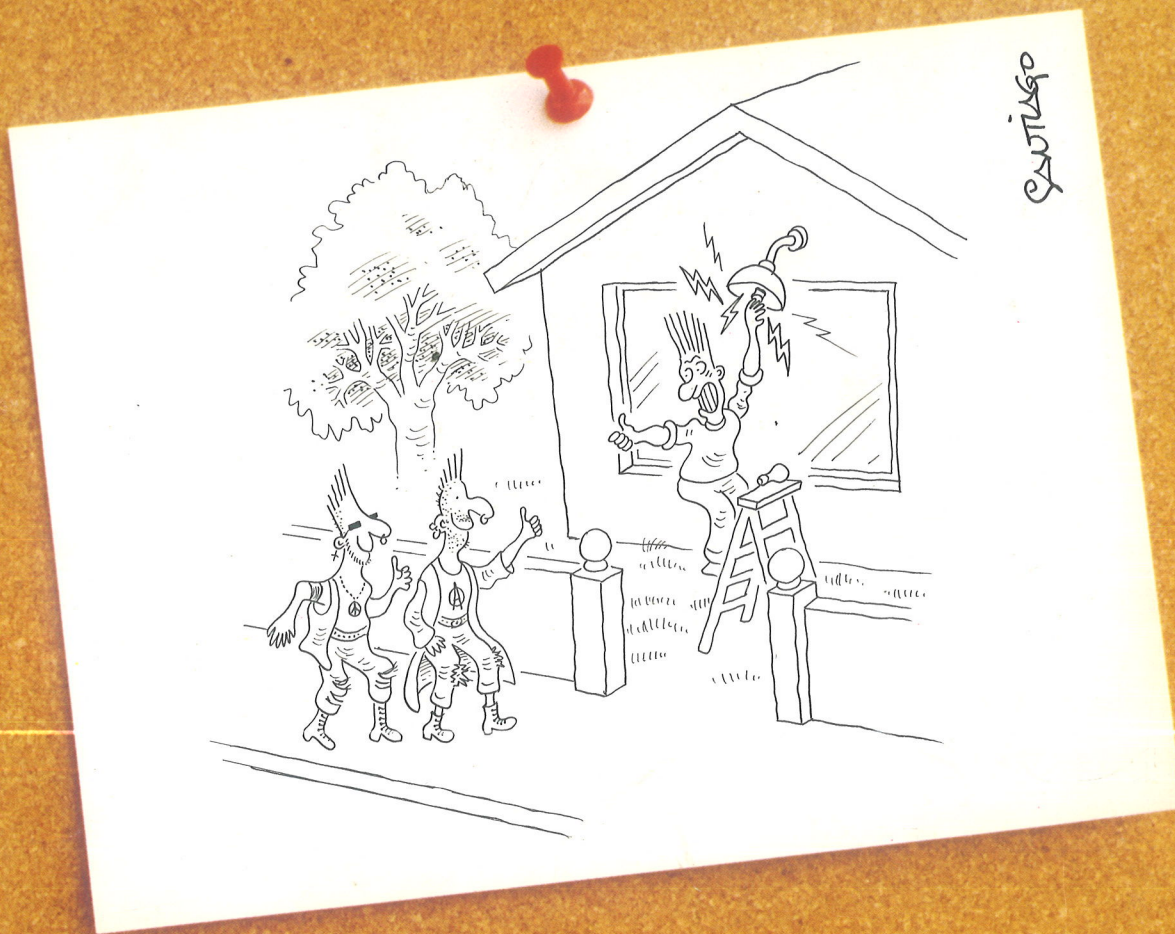
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC Lei de Incentivo à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul


CEEE
www.ceee.com.br


GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura